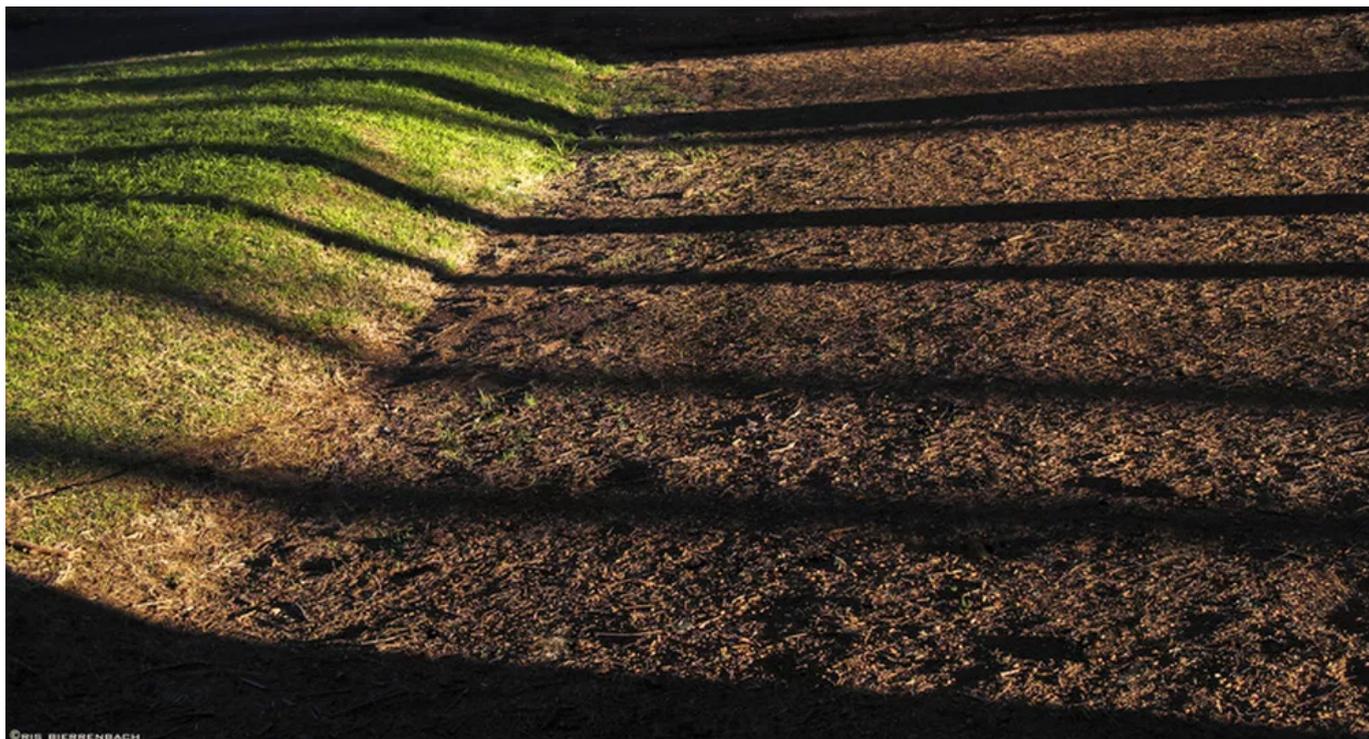


## Nossa língua brasileira

Por Tatiana Salem Levy — Valor

30/09/2016 05h00 · Atualizado há 5 anos



Autor — Foto: Cris Bierrenbach

Não sei se é assim ainda hoje, mas em 1996, quando entrei para a faculdade de Letras, era preciso se posicionar entre ser aluno de português ou de literatura. Em realidade, estudávamos tudo, mas havia uma enorme rixa entre essas duas áreas do saber. Éramos então marcados como "aluno de português" ou "aluno de literatura". No início, fiquei confusa, não entendia como um existia sem o outro, ainda por cima numa faculdade de letras.

Não sei se é assim ainda hoje, mas em 1996, quando entrei para a faculdade de Letras, era preciso se posicionar entre ser aluno de português ou de literatura. Em realidade, estudávamos tudo, mas havia uma enorme rixa entre essas duas áreas do saber. Éramos então marcados como "aluno de português" ou "aluno de literatura". No início, fiquei confusa, não entendia como um existia sem o outro, ainda por cima numa faculdade de letras.

O motivo dessa divisão, logo descobri, se dava ao fato de que, supostamente, quem gostava de literatura era um defensor da norma-padrão da língua, e quem gostava de linguística não queria saber dela para nada. Lembro-me de uma das minhas primeiras aulas, quando ouvi: esqueçam tudo o que aprenderam sobre gramática até agora. A convocatória era sedutora: deixar um conhecimento para trás e se abrir à sua desconstrução. Esqueçamos o português, e passemos para a sociolinguística, me diziam.

E o princípio da sociolinguística era ainda mais sedutor do que a convocatória: não há certo e errado. Ou melhor, não há certo e errado como diz a norma. Há muitos contextos, e cada contexto tem seu certo e errado. Isso quer dizer que, dependendo de onde se está, não há problema em falar "Tu vai" ou "dois pastel". Num país como o Brasil, a sociolinguística tem um valor crucial. Ajuda-nos a não ter preconceito com quem não fala segundo a norma-padrão.

Marcos Bagno mostra em "A língua de Eulália: uma novela sociolinguística" que o preconceito linguístico surge quando a língua é utilizada para deixar clara a distância entre as classes. Ele tem razão em muitos aspectos: há de fato discriminação de quem não domina a língua padrão; a norma é menos flexível do que a língua oral; a norma precisa ser estudada, enquanto o português não-padrão é aprendido naturalmente desde o berço. Por isso, uma abordagem sociológica da linguística é de suma importância num país como o nosso, em que abundam as variedades de fala. Não podemos discriminar quem fala diferente de nós.

Mas como tudo tem a sua ambiguidade essa suposta aproximação do outro pode servir também como distanciamento. Se não há certo nem errado, se cada um tem a sua maneira de falar e devemos respeitá-la, como sair da faculdade e ensinar português? Que português ensinar? O das ruas e só ele? Esquecer os versos de Camões, Pessoa, Sophia, Cecília, Drummond, Bandeira, Cabral? Abrir mão desse legado, dessa história? Trabalhar com áudios e esquecer nossa prosa? Fazer o que com Clarice, Rosa, Machado?

Daí vinha a separação entre professores e alunos de português e professores e alunos de literatura. Tudo muito lindo se não fosse o fato de que, ao abdicar da norma-padrão, estamos tirando o acesso à nossa herança literária. Portanto, aquele gesto que parecia muito democrático era também antidemocrático. O professor de português, que deveria facilitar o acesso de todos à nossa literatura, acabava por nos distanciar dela. A língua padrão pode até ser autoritária, pouco flexível e artificial (que língua não é?), mas é extremamente democrática. Permite a qualquer falante de português, de qualquer variedade linguística, de qualquer país, ler, escrever e ser entendido. A escola deveria, justamente, nos dar essa oportunidade, não afastá-la de nós.

Nem tanto à terra, nem tanto ao mar, diz o ditado. Nem só a sociolinguística, nem só a normatização da gramática. É nesse equilíbrio que se encontra o novo livro de Sérgio Rodrigues, "Viva a Língua Brasileira!". Autor de ótimos romances, como "Elza, A Garota" e "O Drible", Sérgio acaba de lançar essa "viagem amorosa, sem caretece e sem vale-tudo, pelo sexto idioma mais falado do mundo". Depois de quinze anos de trabalho como consultor linguístico na grande imprensa, Sérgio decidiu reunir as dúvidas mais comuns e apresentar ao leitor um estudo que é muito mais do que uma escolha entre o certo e o errado. Muitas vezes, ele nos diz, sim, para evitarmos determinados usos, aponta os que fogem do padrão, mas sempre nos explica o motivo, recorrendo a histórias fascinantes que envolvem o uso de determinadas expressões. Mais do que corrigir o leitor, sua intenção é fazê-lo se apaixonar pela sua própria língua, pensar sobre ela, viajar pela sua história.

Já no título Sérgio escapa da hipótese de ser apenas mais um professor ditando regras. Faz uma ode, vejam bem, à língua brasileira! O livro acabou de ser lançado e já encontrou alguns portugueses raivosos bradando contra a ousadia de se falar em língua brasileira. Como assim, pegam o nosso idioma, pervertem-no, mudam uns pronomes de lugar para no fim chamarem a nossa língua de brasileira? Chegam a ter graça os ataques que andei lendo sobre "Viva a Língua Brasileira!" Ataque de quem não leu o livro, claro. Basta abri-lo para descobrir que o autor fala da língua portuguesa brasileira. "Portuguesa, porque foi inventada lá, brasileira porque faz mais de cinco séculos que a falamos aqui". Em outras palavras, portuguesa, sim, mas em sua variedade "mestiça, vocálica, plástica e colorida".

De um lado, há os que dizem que o "português brasileiro é errado, que só os irmão d'além mar sabem tratar a gramática como ela merece". Do outro, dizem que "esse idioma enrolado e difícil nunca prestou mesmo, já era uma desgraça antes de Camões". Sérgio tem a sensatez de dizer: nem uma coisa, nem outra. Ao passear pela nossa variedade linguística, inevitavelmente recorre às mudanças ocorridas com a língua no Brasil. Não dá para querer que os brasileiros digam ou escrevam "Dá-me" em vez de "Me dá". Mas isso já declamava Oswald de Andrade, quase um século atrás.

Assim, é possível "cultivar a variedade culta da língua e ao mesmo tempo compreender que regras são historicamente determinadas, que nenhuma delas caiu do céu, e que no fim das contas o idioma é sempre atualizado por quem o fala". Sérgio brinca com os sabichões, os politizados, os enrolões, os anti-intelectuais, os anglocêntricos, mostrando que na maior parte dos casos basta ter sensatez. Nem rechaçar as palavras importadas, como mouse, abajur, making of, nem exagerar. Evitar corrigir demais sem se ter a certeza para não correr o risco de hipercorrigir e cair no erro. E por falar em correr risco, nada mais ridículo do que transformar a expressão "correr perigo de morte" em "correr perigo de vida"...

Há também os erros cômicos, como "elefoa". O correto é dizer "elefanta" mesmo, mas o termo "elefoa" se espalhou em determinada época. Eu aprendi na escola que era assim que se dizia, e faz pouco tempo tive uma discussão com meu marido, que ficou rindo dessa palavra. Graças ao Sérgio Rodrigues, aprendi que estava errada, evitando assim a repetição de uma briga conjugal. Nunca mais defenderei a "elefoa".

Sérgio tem um texto ao mesmo tempo apurado, sério, mas cheio de humor. Morri de rir com os diálogos que permeiam o livro, com seu jeito irônico de desbançar os sabichões e politicamente corretos. Diante do recente uso do "x" ou do "e" para designar o plural, é bom rirmos um pouco. Quem me lê por aqui sabe que sou feminista, defendo os direitos das mulheres, que ainda não foram plenamente conquistados. Sabe também que defendo todos os gêneros sexuais e a transcendência deles. E que acredito que mudanças políticas e linguísticas caminham juntas. Mas ninguém me convence a escrever "todxs" ou "todes" no lugar de "todos". Ou as mudanças linguísticas são consistentes, ou não servem para nada. Estou com Sérgio quando ele diz que "esse tipo de plural esteja condenado a ser um modismo esquecido em futuro não muito distante".

Só não estou com ele quando prefere "presidente" a "presidenta". Os dois estão certos, como ele deixa claro, e cabe a cada um escolher que termo usar. Sérgio fica com "presidente". Eu, com "presidenta", uma palavra que já existia antes de Dilma e que, espero, continue depois dela. Se depender de Pilar del Río, viúva do grande escritor José Saramago, e atualmente presidenta da Fundação Saramago em Lisboa, já continua. Se antes o termo não era usado, era porque, como atesta o próprio Sérgio, "a sociedade não admitia que uma mulher presidisse coisa alguma". Agora que aceita - digamos, começa a aceitar - por que não usar essa palavra que, ao contrário de "amigxs", soa bem na nossa fonética?

Questão de escolha, é verdade. E, isso, Sérgio Rodrigues deixa bem evidente em seu livro. Na maioria dos casos, trata-se de uma questão de escolha (e de bom senso) do falante. A língua se reinventa a cada instante. Nenhuma norma culta lhe tira essa dinâmica. Por isso, não precisamos temê-la. Ela está aí para que continuemos lendo nossos poetas, sejam eles do século XV ou da atualidade. O livro do Sérgio nos ajuda a entendê-la, aproxima-nos da história das palavras. E assim descobrimos a origem de expressões como "acabar em pizza" e "arroz de festa". Se a língua não mudasse, "mico" seria apenas um macaco pequeno... Se a língua não mudasse, ainda estaríamos falando latim. Ou o português de Pero Vaz de Caminha. Portanto, meus amigos portugueses que me desculpem, mas viva a língua brasileira! E, meus antigos professores de português que me desculpem, mas viva a literatura! E viva também a norma culta, sem caretices nem vale-tudo.

**Tatiana Salem Levy, doutora em letras e escritora, escreve neste espaço quinzenalmente**

**E-mail: [tatianalevy@gmail.com](mailto:tatianalevy@gmail.com)**

---

## Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por **taboola**

LINK PATROCINADO

**Assento Sanitário Ibiza MDF Biscuit Sicmol**

LEROY MERLIN

COMPRAR

LINK PATROCINADO

**Mobly, o melhor preço**

RS 2,587.99

MOBLY

comprar